

Eixo N° 8: A formação do analista e a relação com seu inconsciente

Imersão na escola e seus efeitos-de-formação

Coordenadores: Ana Inés Berton (EOL-UY) e Javier Grotiuz (EOL-UY)

Integrantes: Analía Barbery (Canelones), Alex Bentancour (Montevidéu), Silvia Bottazzi (Maldonado), Alejandro de Cristofano (Montevidéu), Gabriela Diaz (Florida), Florencia Fernandez (Montevidéu), Santiago Ferreira (Montevidéu), Fernanda Martínez (Maldonado), Andrea Mattiazzo (Colônia), Diego Real (Montevidéu), Leticia Reina (Colônia), Natalia Rodríguez (Montevidéu), Ximena Rodríguez (Canelones), Monica Pérez (Montevidéu).

Partindo da base de que “a teoria da formação [...] está ausente”¹, começamos com as perguntas, o que é um analista? De que inconsciente falamos quando pensamos na formação? O que é se formar em psicanálise? Seguindo a pista de Freud, tentamos cernir que “efeitos-de-formação”² podem se obter da análise pessoal, da supervisão e do ensino. Um acontecimento produz uma virada - que hoje a lemos como necessária - para um quarto conceito que “se reúne”³ ao tripé freudiano: a Escola. No final de nossa investigação, as palavras de Manuel Zlotnik acertaram no alvo ao dizer “não há formação do analista, mas sim, efeito de formação de uma análise e de uma imersão na Escola”⁴. É dessa imersão que tentaremos dar conta.

¹ Lacan, J., “Pronunciamento na Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 299.

² Miller, J.-A., “Para introduzir o efeito de formação”, *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 414.

³ Tarrab, M., “Sobre la formación analítica y la Escuela”, *Blog AMP*, Disponível em: https://www.wapol.org/es/acercaamp/Template.asp?Archivo=escuela_una/documentos/ocho_textos/tarra_b.html. Acesso em 27 ago. 2023, Tradução livre.

⁴ Zlotnik, M., “Palabras del presidente de la EOL”, *Ato de Fundação da Delegação EOL-Uruguay*, 8 jul. 2023, Montevidéu. Tradução livre.

O impacto do golpe⁵ e seus efeitos

O Conselho Estatutário da EOL informa que “chegou o momento de passar a um nível superior para o desenvolvimento da Orientação Lacaniana no Uruguai”⁶. Para isso, faz-se necessária a dissolução do GLM e a criação da EOL – Delegação Uruguai, na qual rapidamente se abrem as portas para receber as solicitações dos interessados.

Esta notícia repercute em vários níveis:

No nível do um a um, o desconcerto confronta a cada um com sua solidão. Ao redor desse vazio, cada um tentou dar respostas a partir de sua fantasia, valendo-se de seus próprios sintomas, tanto na busca de significações como também na precipitação do ato para solicitar fazer parte da Delegação. Houve neste movimento de Dissolução-Criação uma interpretação “desmassificante”⁷, que não somente apontou a dissociar o grupo, como também alojou a resposta do um a um ao receber as solicitações? É esse um primeiro movimento de Escola feito por aqueles que se interessam por ela em ato? “É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse [...]”⁸?

No nível do Grupo sucederam-se instâncias de encontro em que surgiram significações compartilhadas, jantares e conversas, dando conta de um *affectio societatis*⁹ que acompanha os estatutos. Ali se levantou a pergunta a respeito da responsabilidade do grupo de consentir com a proposta. Tratou-se de uma escolha forçada? Era possível fazer outra coisa? Lemos que se consentiu à interpretação com o Movimento em direção à Escola.

No espaço da dupla se produziu a necessidade de tentar pensar os acontecimentos e a buscar pela via do saber epistêmico. O que é uma Escola e em que medida ela participa da formação dos analistas?

⁵ *Ibidem*. Tradução livre.

⁶ EOL POSTAL, Notícias do Conselho 261, 21 abr. 2023. Tradução livre.

⁷ Miller, J.-A., “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”, *Opção lacaniana on-line*, n. 21, novembro, 2016, p. 5, Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf, Acessado em 26. ago. 2023.

⁸ Lacan, J., “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 246.

⁹ Miller, J.-A., “Affectio societatis”, *Correio*, n. 11, São Paulo, 1995, p. 12.

A pressa e a precipitação

“Era necessário mover-se rápido. Romper com a inércia. Precipitar a saída”¹⁰. Com essas palavras Christiane Alberti marca o tempo lógico de uma interpretação que produziu uma descontinuidade na Orientação Lacaniana no Uruguai. Dos efeitos dessa pressa, conhecemos a precipitação de um consentimento em ato de cada um dos membros do GLM e de outros. Os efeitos desse movimento se conhecerão em um segundo tempo, tal como o enuncia Lacan no sofisma dos três prisioneiros¹¹.

Passar a um nível Superior¹²

De acordo com a Real Academia Espanhola, um nível superior é uma “organização mais complexa e mais evoluída”¹³. Será que a Escola, em relação ao Grupo, possui um “nível superior” tendo em vista que se trata de uma estrutura mais complexa?

O GLM funcionou durante mais de 10 anos, sustentado, em maior medida, pela transmissão através de “grupos de estudo”. Essa maneira de funcionar foi necessária, mas não suficiente?

Miller lança uma pista sobre este ponto ao estabelecer a lógica segundo a qual um grupo se assemelha a um indivíduo e a “Escola é um sujeito”¹⁴. Assim, é possível perceber que na Escola não existe um saber fechado, senão que o saber comporta sempre um ponto de fuga. De fato, Miller dirá “o mais precioso do saber da Escola é que ela sabe que não sabe”¹⁵, estabelecendo assim, uma diferença radical com o saber que detém o discurso universitário. Ainda assim, a Escola é responsável pela formação de seus membros. Esse é um de seus paradoxos. Então, o que é que a Escola aporta?

Por um lado, uma orientação. Uma orientação ao real que comporta o furo mesmo no saber. Por sua vez, uma orientação política na medida em que se propõem linhas de investigação que têm como centro interpretar a época de tal forma a fazer existir o discurso psicanalítico diante dos discursos do mestre que imperam.

¹⁰ Alberti, C., “What’s up Uruguay”, *Mondo. On-line Dispatch of AMP/WAP*. Disponível em: <https://mondodispatch.com/es/2023/07/06/aggiornamento/>, acessado em 28 ago. 23. Tradução livre.

¹¹ Lacan, J., “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 197.

¹² Essa citação aparece tanto no comunicado que anuncia a Criação da Delegação EOL Uruguai como também no mencionado texto de Alberti.

¹³ RAE. Extraído de: <https://dle.rae.es/superior>

¹⁴ Miller, J.-A., “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”, *op. cit.*, p. 10

¹⁵ Miller, J.-A., *Lacan Elucidado*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 529.

Mas, sobretudo, aporta um lugar para alojar a enunciação singular de cada um. Esse inciso é primordial na formação do analista, e que dá conta de uma ideia que insiste no ensino de Lacan que para se formar em psicanálise é necessário que "o leitor [...] precise colocar algo de si"¹⁶. Na escola há dois lugares privilegiados para alojar a enunciação singular: o cartel e o passe.

O cartel

Para formar-se em psicanálise é necessário que a transferência se dirija ao não saber. Dirigindo-se ao S(A) poderá se extrair “a consequência do trabalho: precisamente porque o Outro não sabe, há motivos para construir, demonstrar que a verdade é efeito do significante”¹⁷. Essa construção implica que a dimensão do bem dizer da “ciência gaia” que “consiste: não em compreender, fugar [*piquer*] no sentido, mas em roçá-lo tão de perto quanto se possa [...]”¹⁸. O saber ler e o bem dizer resultam da análise pessoal, ao serem transferidos do analista ao analisante “fora de qualquer pedagogia”¹⁹.

A estrutura do cartel possibilita que essa dimensão tome lugar ao colocar a trabalho cada um a partir de um traço que lhe é próprio. Cada um só, mas não sem os outros já que “o ensino da psicanálise somente pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”²⁰. Aqui é importante a função do Mais-Um, como um êxtimo que opera na contramão dos efeitos do grupo.

O passe

O passe implica que o analisante conte o percurso analítico que o levou até o seu fim, e, também, uma transferência com a Escola, ao consentir com a sua transmissão. Servindo-se de seu estilo, o AE dará conta do seu devir analista de sua própria existência²¹ e da passagem que permitiu ir mais além dos fundamentos neuróticos do “des-ser”

¹⁶ Lacan, J., “Abertura”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 11.

¹⁷ Miller, J.-A., *El banquete de los analistas*, Buenos Aires, Paidós, 2012, p. 177. Tradução livre.

¹⁸ Lacan, J., “Televisão”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 525.

¹⁹ Miller, J.-A., “Ler um sintoma”, *Opção Lacaniana*, n. 70, 2015, p. 14.

²⁰ Lacan, J., “Ato de Fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 242.

²¹ Usamos “experiência” no sentido em que Agamben aborda a “*erfahrung*”, experiência que ao passo que que impacta e afeta o sujeito da enunciação, permite seu correlato em palavras. Agamben, G., “Infância e história”, *Infância e história*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005, pp. 19-78.

possibilitando a emergência do desejo do analista. Isso evidencia que a pergunta *o que é um analista?* se responde sempre no singular.

A entrada da Escola no Uruguai abre então uma via para o passe e sua transmissão?

Política da Juventude

O acontecimento Criação da Delegação EOL-Uruguai se colocou em série com outras Delegações, seguindo o documento de Alberti sobre “A hora do *aggiornamento*”. Ao mesmo tempo que serviu para desmontar o caráter excepcional do Uruguai, isso gerou a pergunta pelo novo nas Escolas.

Lacan tinha um gosto pelo novo a tal ponto de colocá-lo como regra “[...] nunca dizer de novo as mesmas coisas”²². Esse traço não é caprichoso, senão que obedece, justamente, ao estatuto do inconsciente que “é um fato, um fato novo”²³, o qual faz com que esteja desde o começo de sua transmissão numa permanente inovação²⁴ visível em seu próprio dizer que vai se transformando ao longo de seu ensino. Inovar é uma orientação que Lacan deixou para nós que continuamos sua Escola?

Movimento em direção à Escola

Com um começo que “incluiu a dimensão da pressa”²⁵ vem um movimento *em direção à Escola*, até que a Escola seja efetiva. Esse tempo implicará não somente dar-lhe existência, como também “lhe dar forma, para pensá-la, para praticá-la, enfim, será a Escola em Movimento”²⁶. Como em uma banda de Moebius, a Escola que forma os analistas necessita também dos analistas para ser formada. Esse aspecto evoca a ideia de Miller em que a “Escola entra em um processo de formação cujo conceito mesmo comporta que se desenvolva a ‘céu aberto’, porque deve ser subjetivado por uma comunidade que não pode se constituir a não ser no próprio movimento mesmo dessa

²² Lacan, J., “Meu ensino, sua natureza e seus fins”, *Meu ensino*, Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p. 71.

²³ Lacan, J., “Lugar, origem e fim do meu ensino”, *Meu ensino*, Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p. 15.

²⁴ Eidelsztein, A., “El fracaso de Lacan, 1a parte”, *El Rey está desnudo*, ano 1, n. 2, Disponível em: https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf, Acesso em 27 ago. de 2023. Tradução livre.

²⁵ Zlotnik, M., *op cit.*

²⁶ *Ibidem.*

subjetivação”²⁷. Tratar-se-á então, de um constante *devir* Escola, mais do que de sê-la ou tê-la?

O espírito da Psicanálise

Jacques-Alain Miller comunica “O espírito da Psicanálise, encarnado na AMP lhes abriu as portas da EOL”²⁸.

Laurent recorda que o espírito da psicanálise foi convocado por Lacan para tomada de decisões e que obedece à posição de Mais-Um²⁹. Supõe uma responsabilidade diante das decisões que não se exercem a partir do discurso do mestre, mas sim desde uma posição de extimidade que confronta também a se fazer responsável a consentir ou não com a decisão tomada. Esse espírito “[...] que realmente se há de supor que possa manifestar-se por vocês [...]”³⁰ implica sempre um sujeito responsável. Assim, o espírito da psicanálise abre as portas da EOL para que cada um encontre sua via para sustentar a causa freudiana no Uruguai.

Assim como no dizer de Laurent “a definição do psicanalista não é um ideal, inclui a história mesma da psicanálise”³¹, dizemos que a definição da Escola não é um ideal, senão que inclui a história mesma das Escolas.

Como devir Escola no século XXI?³² Servindo-nos do entusiasmo lacaniano que implica a possibilidade de sermos alegres “com a condição, não de descobrir o saber (não há nada para descobrir) senão de construí-lo e inventá-lo”³³, acrescentamos, em transferência à causa freudiana e ao trabalho. Depois de tudo, como nos recordou Ricardo Seldes, a alegria é o principal dos afetos para aumentar a potência para agir³⁴.

Tradução: Paula Nocquet
Revisão: Eduardo Vallejos,
Gustavo Ramos

²⁷ Miller, J.-A., “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”, *op. cit.*, p. 1.

²⁸ Miller, J.-A., Carta de 8 jul. 2023 a propósito da Criação da Delegação EOL Uruguay.

²⁹ Laurent, E.; Miller J.-A., “El espíritu del Psicoanálisis”, *El Otro que no existe y sus comités de Ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, p. 406. Tradução livre.

³⁰ Lacan, J., “Pronunciamento na Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 300.

³¹ Laurent, E., “Princípios diretores do ato psicanalítico”, *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2007, pp. 217-218.

³² Miller, J.-A., “Como alguém se torna...”, *op. cit.*, pp. 15-22.

³³ Miller, J.-A., *Extimidad*, Buenos Aires, Paidós, 2017, p. 468. Tradução livre.

³⁴ Seldes, R., “Creación Delegación EOL-Uruguay / Discurso de Ricardo Seldes. Disponível em: <https://fapol.org/pt/portfolio-itens/criacao-da-delegacao-eol-uruguai/>, Acessado em: 28 ago. 23, Tradução livre.

Luis Francisco Camargo

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Leer y escribir en psicoanálisis: puntuaciones Millerianas*, Grama, Buenos Aires, 2022.

Agamben, G., *Infancia e historia*, Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2007.

Aramburu, J., “El deseo del analista”, *El deseo del analista*, Tres Haches, Junin, 2000, pp. 62-105.

Brodsky, G., “El brote amargo del bambú”, *Freudiana*, n. 71, 2014, pp. 153-156.

Freud, S., “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, *Obras completas*, vol. 10, São Paulo, Cia das Letras, 2010, pp. 147 - 162.

Freud, S., “O início do tratamento”, *Obras completas*, vol. 10, São Paulo, Cia das Letras, 2010, pp. 163 - 192.

Freud, S., “Princípios básicos da psicanálise”, *Obras completas*, vol. 10, São Paulo, Cia das Letras, 2010, pp. 268 - 276.

Freud, S., “A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial”, *Obras completas*, vol. 17, São Paulo, Cia das Letras, 2014, pp. 124 - 230.

Lacan, J., “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 461- 495.

Lacan, J., *O seminário, livro 8: a transferência*, Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

Lacan, J., “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 197 - 213.

Lacan, J., “Breve Discurso a los Psiquiatras”, Acesso em 27 ago. 2023: <https://planetafreud.wordpress.com/2012/01/08/lacan-breve-discurso-a-los-psiquiatras/>

Lacan, J., “Televisão”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 508 - 543.

Lacan, J., “Talvez em Vincennes”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 316 - 318.

Lacan, J., “Pronunciamento na Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 316 - 318.

Lacan, J., “A psicanálise. Razão de um fracasso”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 341 - 349.

Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 248 - 264.

Lacan, J., “Nota italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 311 - 315.

Lacan, J., “Discurso de Roma”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, pp. 139 - 172.

Lacan, J., *Meu ensino*, Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

Lacan, J., “A terceira”, *Opção Lacaniana*, n. 62, pp. 11-36.

Laurent, E., “Lo imposible de enseñar”, *¿Cómo se enseña la clínica?*, pp.15-38.

Laurent, E., “¿Cómo se enseña la clínica?”, *¿Cómo se enseña la clínica?*, pp. 39-58.

Laurent, E.; Miller J.-A., “El culto de lo nuevo”, *El Otro que no existe y sus comités de Ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, pp. 325-344

Laurent, E.; Miller J.-A., “El espíritu del Psicoanálisis”, *El Otro que no existe y sus comités de Ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, pp. 391-412.

Laurent, E., “Princípios diretores do ato psicanalítico”, *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2007, pp. 217-218.

Miller, J.-A., *El banquete de los analistas*, Buenos Aires, Paidós, 2012.

Miller, J.-A., “Consideraciones sobre los fundamentos neuróticos del deseo del analista”, *Freudiana*, n. 63, Acesso em 27 ago. 2023: <https://freudiana.com/consideraciones-sobre-los-fundamentos-neuroticos-del-deseo-del-analista/>

Miller, J.-A., "Ler um sintoma", *Opção Lacaniana*, n. 70, 2015.

Miller, J.-A., *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

Miller, J.-A., “Affectio societatis”, *Correio*, n. 11, São Paulo, 1995.

Miller, J.-A., "Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI", *Opção Lacaniana*, n. 55, pp. 15-22.

Recalde, M., “Fundamentos neuróticos del deseo del analista”, Conferência no Grupo Lacaniano Formosa, Acesso em 27 ago. 2023: <https://www.wapol.org/ornicar/articles/155ste.htm>

Stiglitz, G., “Fundamento neurótico del deseo del analista”, *Freudiana*, n. 63, 2011.

Tarrab, M., “Sobre la formación analítica y la Escuela”, Conferência em 14 de abril de 2002, Acesso em 27 ago. 2023: https://www.wapol.org/es/acercaamp/Template.asp?archivo=escuela_una/documentos/cho_textos/tarrab.html

Tarrab, M., “Escuela Pase y carteles”, *Revista 4 mas uno*, n. 3, Acesso em 27 ago. 2023: <https://www.cuatromasunoel.com/edicion/003.textos-de-orientacion.mauricio-tarrab>